



O poder de um ponto de vista¹

Uma análise fotojornalística das fotografias de capa dos jornais O Estado do Maranhão e O Imparcial do dia 23 de fevereiro de 2009

Beatriz Deruiz Pinto Melo²

Rogério Costa³

Universidade Federal do Maranhão/UFMA, São Luis, MA

Resumo:

A pesquisa busca fazer uma análise comparativa da utilização de elementos fotojornalísticos nos jornais O estado do Maranhão e O Imparcial, em um momento específico do carnaval maranhense no dia 23 de fevereiro de 2009. Evidencia-se como os dois jornais se portaram durante o período carnavalesco mostrando apenas esse dia como objeto de estudo. A análise deve ser capaz de lançar a pedra fundamental na discussão sobre a responsabilidade do jornalismo cultural e a importância na apresentação das matérias de capa relacionadas à cultura.

Palavras-chave: Fotografia; fotojornalismo; mídia impressa.

1 Considerações iniciais

No princípio a fotografia era utilizada para congelar alguma coisa. Hoje, com seu periodismo nos jornais, ela é utilizada para comprovar algo, para dar segurança à notícia. Mas isso não quer dizer que o que estamos olhando nela esteja acontecendo de fato. De acordo com Mauad (1996, p.8):

Os textos visuais, inclusive a fotografia, são resultado de um jogo de expressão e conteúdo que envolvem, necessariamente, três componentes: o autor, o texto propriamente dito e um leitor. Cada um destes três elementos integra o resultado final, à medida que todo o produto cultural envolve um *locus* de produção e um produtor, que manipula técnicas e detém saberes específicos à sua atividade, um leitor ou destinatário, concebido como um sujeito transindividual cujas respostas estão diretamente ligadas às programações sociais de comportamento do contexto histórico no qual se insere, e por fim um significado aceito socialmente como válido, resultante do trabalho de investimento de sentido.

Um objeto a ser fotografado depende, então destes três componentes descritos por Mauad. O olhar do fotógrafo observa muitas vezes o que uma pessoa comum (sem o

¹ Trabalho apresentado à Área Temática de Jornalismo da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Graduanda em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: biaderuiz@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Mestre em Comunicação/UFPE. Professor do Departamento de Comunicação Social/UFMA. E-mail: radialistarogeriocosta@gmail.com



mesmo objetivo do fotógrafo) que passa no mesmo local não vê. Além que cada pessoa tem uma cultura própria, o que acaba fazendo com que as fotografias por mais que pareçam, tenham suas particularidades. O mesmo ocorre para o “leitor” da foto. Pois ele lê a fotografia de uma maneira particular como vê o mundo. Ou seja, depende da sua subjetividade.

Então, a partir do pensamento de Mauad, pode-se pensar que o fotojornalismo além de instantâneo também pode ser armado. Dependendo apenas da pauta sugerida no jornal. Como exemplo podemos citar um acordo feito entre o governador e um presidente de uma grande empresa maranhense. Nesse caso o fotojornalista pede para que eles se dêem a mão e olhem para a câmera.

Partindo dessa análise, tomamos por base, então que a teoria do espelho, onde o jornalista deveria informar a verdade de maneira imparcial e objetiva (Traquina, 2002), não é de fato concretizada, pois cada qual tem um pensamento distinto. E a teoria construtivista que representa uma alternativa totalmente oposta às concepções de jornalismo como “espelho” ou “distorção” da realidade, tem a notícia como produto de um enquadramento e fatos sociais, é a teoria que se encaixa nesta análise. Ou seja, a notícia é construída pelo jornalista e dessa forma, a foto também, por estar ao lado da notícia para afirmá-la.

Cada pessoa olha a fotografia de uma maneira diferente. Depende do estado em que a pessoa se encontra, ou até mesmo da vida em que a pessoa participa. Cada qual vê o que quer ver.

O resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens, que constitui assim, uma ética do ver. De acordo com os termos de Sontag (2007, p. 13) , “as fotos modificam e ampliam nossas idéias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar.” Para Sontag “tirar uma foto é ter um interesse pelas coisas como elas são, pela permanência do status quo, é estar em cumplicidade com o que quer que torne um tema interessante e digno de se fotografar” (Sontag, 2007, p. 23).

A imagem não oferece sistemas estruturais definidos e absolutos, pois baseia-se da subjetividade dos indivíduos, ou seja, o fotógrafo produz o conteúdo. Porém, seu significado depende da resposta do espectador, que também a modifica e interpreta através da rede de seus critérios subjetivos.



A fotografia, por ser uma manifestação da linguagem, ela sempre permite uma leitura. A leitura pode ser superficial ou aprofundada, dependendo do propósito de cada leitor, pois está, juntamente a ela, interligada a subjetividade e ao conhecimento de cada um.

2 Análise fotojornalística

A fotografia entrou para os jornais diários em 1904, com a publicação de uma foto no jornal inglês, *Daily Mirror*. Um atraso de aproximadamente vinte e quatro anos em relação às revistas ilustradas, que já publicavam fotografias desde 1880. No entanto, desde sua inserção no jornalismo impresso, a fotografia tem possibilitado uma ampliação dos sentidos e efeitos quanto ao que se tem por fatos noticiosos e alcance das notícias nos mais diferentes setores da sociedade.

Por sua vez, o fotojornalismo surgiu a partir da capacidade de testemunho da foto, aliada à possibilidade de transmitir informação e valores culturais. Uma notícia que acompanha imagem tem mais valor (pois o acontecimento é comprovado) do que aquela que não tem nenhuma, pois de acordo com Collaro⁴ (apud Pires, 2007, p. 38) “antes de ser visto, o jornal é olhado”. Ou seja, uma matéria falando sobre um buraco em determinado bairro, tem que existir a foto ao lado mostrando que o buraco realmente existe e onde fica aproximadamente, mostrando alguns detalhes como prédios, comercios etc. Não basta apenas descreverem onde é o local, o leitor, antes olha o foto, para depois ler os detalhes. É sobre essa funcionalidade da fotografia no jornalismo impresso, Pinto afirma que

O fotojornalismo aproximou o mundo dos olhos do leitor, possibilitando a transmissão de informações sobre realidades desconhecidas, e paralelamente a este processo, através da fotografia, ocasionou a imposição de padrões estéticos, bem como a possibilidade de manipular a opinião pública” (Pinto, 2007).

A fotografia, antes de ser publicada, passa por um longo processo de seleção, assim como as notícias, disputou com outras o privilégio de figurar na primeira página dos jornais (Forni, 2005). Neste caso, entra em cena a teoria do *gatekeeper* ou da ação social que é o espaço simbólico de seleção do que é ou não noticiável. Esta foi a

⁴ A autora se refere a: COLLARO, Antônio. **Projeto gráfico**. São Paulo: Summus Editora, 2000.



primeira teria aplicada no jornalismo e serve também para a escolha da fotografia ideal, para ir para a primeira página, ou mesmo fazer parte dos cadernos do periódico.

Durante a análise fotojornalística apresentada neste artigo, são utilizados dois termos: enquadramento que corresponde ao espaço da realidade visível representado na fotografia, que por sua vez, concretiza-se no plano, o segundo termo relevante para a pesquisa.

Os planos são divididos em plano geral, plano conjunto, plano médio e plano grande. O *plano geral* é aberto, tem como fundamento, informar, serve para situar o observador, mostrando uma localização concreta. O *plano de conjunto* é um plano geral, mais fechado, onde se distingue os intervenientes da ação e a própria ação com facilidade e por inteiro. O *plano médio* serve para relacionar os objetos fotográficos, aproximando-se de uma visão “objetiva” da realidade. O *grande plano* é enfatizando particularidades, é frequentemente mais expressivo do que informativo.

Para falar sobre as fotos de capa dos dois jornais escolhidos, é necessário fazer um breve comentário do jornalismo cultural que é feito no Maranhão por esse dois jornais, tendo em vista que, há que se considerar que a escolha da fotografia de capa é escolha exclusiva do jornal. A seleção e o destaque da imagem fazem parte da intervenção da mídia de agendamento do que o público irá ver e discutir no dia seguinte. A seleção das fotos é uma decisão tão importante quanto a escolha da manchete.

Embora as fotos não estejam nas páginas de cultura, elas fazem parte da cultura maranhense, pois são do período carnavalesco. O jornalismo cultural no Maranhão, diante os dois jornais estudados, estão ligados às

Ferramentas do marketing cultural para legitimar interesses político-governamentais. Disso, emergiu uma nova imagem da cultura maranhense, à qual a imprensa deu ampla visibilidade, complementando o eficiente investimento publicitário feito pelo governo estadual com um noticiário cultural travestido de regionalidade e contemporaneidade. (Silva, 2005).

Neste aspecto é notável que mesmo as fotografias, junto com os textos que as acompanham, estão ligados aos interesses políticos, empresariais e editoriais.

A fotografia cultural tem como função chamar a atenção para a notícia antes de ela ser lida e nisso a fotografia é única. A fotografia cultural, por chamar a atenção do leitor, acaba por ser uma das fotografias mais belas do jornal, pois ela não tem apenas o objetivo de informar, mas também de mexer com a imaginação da pessoa que está olhando a imagem.

Neste sentido, servimo-nos dos dois jornais maranhenses de maior circulação para fazer a análise das suas fotos de capa, não durante todo o período de carnaval, mas sim, num dia de carnaval, mais especificamente na segunda-feira de carnaval, dia 23 de fevereiro de 2009.

3 Sobre o jornal O Estado do Maranhão

3.1 Histórico

Em outubro de 1959, o então deputado estadual Alberto About comprou um maquinário de velhas impressoras do senador Alexandre Costa, usando-os para fundar um novo jornal no Maranhão. Era o jornal O Dia que teve sua primeira edição circulada em 16 de janeiro de 1960. O patrimônio do jornal era pobre, o então governador José Sarney comprou parte das ações de O Dia e, dotou a empresa de tecnologia off-set e sistema de composição eletrônica (foi o primeiro a implantar o sistema no estado). José Sarney, então, se cercou de bacharéis e intelectuais para garantir o sucesso da nova empreitada. O poeta e jornalista Bandeira Tribuzi foi convidado a dirigir a redação do jornal. A denominação atual passou a ser utilizada em 1973. Nessa ocasião, o jornal também mudou seu projeto gráfico, sua sede e seu estilo.

Em 1987, o jornal foi pioneiro no Maranhão na utilização da policromia, isto é, a impressão do jornal em cores e não só em preto e branco. Isso aumentou as vendas do jornal em mais de 10%. Na década seguinte, o jornal se estabeleceu como um dos de maior circulação em toda a capital maranhense. Em 1992, o jornal investiu nas páginas em policromia. O jornal é parte do maior conglomerado de comunicação maranhense: o sistema mirante de comunicação.

3.2 Análise fotojornalística em O Estado do Maranhão.

Na capa do jornal O Estado do Maranhão (figura 1), há quatro fotos, como se estivessem em fileira no sentido vertical do lado esquerdo da página. O título que acompanha as imagens é *Folia pelos quatro cantos* e está entre as fotos.

Ao lermos o título do jornal O Estado do Maranhão, lembramos da frase “pelos quatro cantos do mundo”, mas também podemos pensar que são os quatro cantos da Ilha de São Luís, já o jornal é estadual e a ilha é dividida em quatro municípios: São Luís,

São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar. Embaixo do título há o subtítulo. Nele está escrito:

Os foliões fizeram a festa em São Luís sábado à noite. No circuito de rua, a programação de carnaval embalou diversos bairros, com destaque para o centro e Madre Deus. Blocos alternativos, como o Jegue Folia, reuniram milhares. Na passarela no Samba, os blocos tradicionais do Grupo A mostraram brilho e luxo durante o desfile. Pelos quatro cantos do Brasil, a festa reúne trios elétricos e escolas de samba (O Estado do Maranhão, 23/02/2009).



Figura 1: capa da edição de O Estado do Maranhão do dia 23 de fevereiro de 2009.

As fotos do jornal O Estado do Maranhão, por serem quatro, se tornam confusas. Primeiro porque as fotos não condizem com a legenda. Deveriam ser quatro fotos em diferentes lugares, mas três delas são de São Luís, duas de blocos tradicionais e uma de bloco de rua. A outra foto é da escola de Samba Pérola Negra de São Paulo.

Observando as imagens da capa do periódico, percebe-se que não há sincronia entre elas, as fotografias estão de forma desorganizada. As imagens também não chamam a atenção do leitor para a matéria, que também é influenciada pela luminosidade das fotos, que neste caso, há ausência de luz. Pelo título e o subtítulo não estarem em cima da foto, não estarem em caixa alta, e estarem com letras coloridas (o que não tem boa influência para o jornal, por causa das imagens coloridas e também por causa da cor do papel que é feito o periódico) a notícia em si, não tem nenhum fator que chame a atenção do leitor para a matéria.



Ao observarmos a capa, ao lado das imagens do carnaval, há outra matéria que o título e o subtítulo estão acima da imagem e acaba por chamar mais atenção do olhar do leitor, embora saibamos que não é ela a matéria principal do jornal.

O fato de o jornal ter um vínculo político direto, traz como consequência fotos baseadas em amizades, como por exemplo, a fotografia do bloco de rua do Jegue Folia, que é de Alcione Nazaré, amiga da família Sarney (família fundadora do jornal O Estado do Maranhão). O jornal, por fazer parte do sistema Mirante de Comunicação e representar a rede Globo, o jornal também tem influência do jornal nacional o Globo, então por isso, o estado do maranhão coloca notícias nacionais, como é o caso da foto da escola de samba Pérola Negra de São Paulo e tantos outros ao longo do jornal como os trios da Bahia que é citada no subtítulo da matéria.

4 Sobre O Imparcial

4.1 Histórico

O jornal O Imparcial foi fundado em 1º de maio de 1926, pelo jornalista João Pires Ferreira, com um perfil sóbrio e moderno para a época, já que até aquele ano os jornais no Maranhão serviam aos interesses de determinados grupos políticos que disseminavam suas ideologias e buscavam desmoralizar os seus oponentes.

Em outubro de 1944, João Pires vende o jornal para o maior conglomerado de comunicação do país, os diários associados, de propriedade de Assis Chateaubriand. No dia 4 de outubro de 1944 o jornal passa oficialmente a ser assinado pelos diários associados.

Com a adesão ao grupo dos diários associados, foram promovidas algumas modificações, entre elas foi o comprometimento da linha editorial do periódico. Não foi mais concretizada a imparcialidade com as notícias. O imparcial virou instrumento de barganha do político Assis chateaubriand, entre as décadas de 50 e 70.

4.2 O fotojornalismo em O Imparcial

O imparcial foi pioneiro na implantação de importantes recursos para as transformações do jornalismo maranhense. O jornal lançou o primeiro repórter-fotográfico da imprensa maranhense: o menino de apenas 12 anos, Dreyfus Nabor

Azoubel, que foi contratado pelo proprietário do periódico, para fazer “alguns serviços de fotografia e gravação” em 1931.

Seu trabalho era de cobrir acidentes de grande proporção, banquetes no hotel central ou reuniões solenes no palácio dos leões. Um dos fatores que dificultavam uma maior mobilidade e até mesmo a possibilidade de um flagrante eram o peso e o tamanho da máquina.

Azoubel também registrou momentos marcantes para a história, como a visita do presidente Juscelino Kubitschek, a escala do então ex-presidente da Argentina Juan Carlos Perón, a Greve de 51, o incêndio do navio Maria Celeste, acontecimentos que marcaram a década de 1950 e lhe renderam publicações de fotos nacionalmente.

A policromia, implantada no ano de 1996, foi utilizada de forma excessiva até o final da década de 90. Em 2001 o jornal passou por uma reforma gráfica e mudando a diagramação para aproximar ao padrão do jornal Correio Braziliense.

Analizando



Figura 2: Capa de O Imparcial de 23 de fevereiro de 2009

Na capa do jornal O Imparcial há somente uma fotografia grande em horizontal que ocupa a primeira metade da capa. O título que acompanha a foto é *Tudo é carnaval* e está situada acima da foto.

O título de O Imparcial está em caixa alta, o que chama mais a atenção do leitor, embaixo do título está a foto, bem chamativa, colorida, e por ser apenas uma foto

e estar em *plano médio*, temos mais riqueza de detalhes. Abaixo da imagem está o subtítulo que está escrito:

Em São Luís, blocos de amigos animam a folia pelas ruas da cidade. Nos circuitos oficiais, a festa de Momo é temperada pelos ritmos típicos do Maranhão: tambor de crioula e a batida forte dos blocos tradicionais. Com entrada liberada, foliões lotaram as arquibancadas da Passarela do Samba, que viram as primeiras escolas de samba desfilarem pela avenida. Hoje a festa continua no carnaval de segunda, no Laborarte, nos circuitos e na Passarela.

Esta legenda explica o título de forma simples e ainda informa. Mas não explica por completo a imagem, ou seja, ela não tem legenda, não sabemos onde é que se passa aquela festa. A fotografia é de um bloco tradicional desfilando na Passarela do Samba. Ao lermos o subtítulo podemos pensar logo que a imagem é um “bloco de amigos que animam a folia pelas ruas da cidade”, mas isso eles falam em relação aos blocos de rua e não aos blocos tradicionais.

A legenda explica o título onde tudo é carnaval. O “tudo” que dizer os ritmos típicos do Maranhão como o tambor de crioula e os blocos tradicionais, além de citarem outros lugares que estão festajando o carnaval na capital, como no Laborarte, nos circuitos da cidade e na Passarela do Samba.

Esta foto, tem o verdadeiro caráter de fotojornalismo cultural. Por ser grande, ter um enquadramento em plano médio, colorida, torna-se bastante chamativa e acaba por mexer com a imaginação do leitor. A imagem tem como foco principal dois brincantes vestidos de palhaços, apesar de ter mais pessoas atrás com esse mesmo traje, os outros estão desfocados. Por ela ser grande, há mais riqueza de detalhes e por todos esses fatores, como primeira impressão da foto, achamos que ela não é de uma festa carnavalesca local.

O periódico O Imparcial é onde existem os melhores repórteres-fotográficos do estado. Eles são fotógrafos que podem exercer sua verdadeira função. Escolhem o melhor ângulo. É só informá-lo qual a pauta do dia e eles criam uma cena. É importante perguntar por que eles escolheram esse bloco para fotografar. Como fotógrafos, tiraram várias fotos, mas fizeram uma seleção para ver qual mais estaria na capa, para ser manchete. Esse bloco, talvez fosse o mais colorido do dia. O ângulo em que a foto foi tirada fez parecer com que houvesse mais integrantes no bloco e mesmo ao redor deles, com os enfeites brilhando no fundo da imagem. É sempre importante fazer um estudo antes de tirar a foto, mas por precaução, é necessário sempre ter várias opções de



imagem. Nessas ocasiões festivas o colorido fala mais alto. Em todo caso, as imagens serão selecionadas e as melhores serão publicadas, caso existir uma melhor, esta estará na capa.

5 Considerações finais

O fotojornalismo é marcado pela tensão de forças simbólicas entre o produtor e o consumidor de informações. Situação em que os dois buscam tirar proveito material ou simbólico nas relações de comunicação. O fotojornalismo cultural, por outro lado, tem o poder de fazer com que o leitor do jornal tenha diversos pontos de vista. No entanto, inferiu-se nessa pesquisa, que cada um desses jornais tem um ponto de vista diferente sobre as matérias de capa e conseqüentemente, sobre as fotos de capa, fazendo com que dessa forma, o processo de escolha delas, seja acirrada. Desse modo, o fotojornalismo direciona e retrata o olhar do leitor, escolhendo por ele, o que se deve ver.

No periódico o Estado do Maranhão, as fotografias estão alinhadas à esquerda da página. Este formato usado por eles não chama atenção do leitor. O título e subtítulo encontram-se entre as fotos e não estão de uma forma chamativa. Nessas imagens de capa eles tentaram mostrar várias faces do carnaval brasileiro, mas em nenhum momento, essas fotografias se assimilaram com o fotojornalismo cultural, aquele que joga com a criatividade do leitor.

Por sua vez, a fotografia de capa do jornal O Imparcial, está tipicamente cultural. Com suas cores, ela chama a atenção do leitor para várias interpretações. A curiosidade de saber onde foi tirada a foto e de onde ela é, também são artifícios do fotojornalismo cultural.



Referências bibliográficas

BÉLICHE, Suzana. Beckman de. **O Conto e o Ponto: Convergências e divergências dos jornais O Estado do Maranhão e Pequeno durante a cobertura da greve dos professores da rede pública estadual em 2007**. Monografia (graduação em Comunicação Social). Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, 2008.

Edição de O Estado do Maranhão de 23/02/2009

Edição de O Imparcial de 23/02/2009

FORNI, João José. **A foto do dia: ensaio sobre fotojornalismo e análise Documentária**. Artigo publicado na revista Universitas//Comunicação, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, abril de 2005. Disponível em <http://jfornti.jor.br>. Acesso em: 11 de abril de 2009.

MAUAD, A. Maria. **Através da Imagem: fotografia e história, interfaces**. Tempo: Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, dez. 1996.

PINTO, Pâmela. Araújo. **Dos bastidores às urnas: uma análise jornalística da trajetória da mulher na política maranhense ente os anos de 1986 a 2000**. Monografia (graduação em Comunicação Social). Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, 2007.

PIRES, Jeane Sousa. **Disputa de poder nas páginas do jornal: análise das edições de O Estado do Maranhão e O Imparcial**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2007.

SILVA, Luiza Lina Reis. A Cultura Maranhense nas páginas dos jornais: a produção de discursos que resultam no jornalismo cultural. In: MARQUES, Ester (org.). **Jornalismo Cultural: da memória ao conhecimento**. São Luis: UFMA, 2005.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **O que é jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.